

ARTIGO COMPLETO

Estratégias de permanência no ensino superior e tecnológico: evasão, retenção e sucesso acadêmico

ACOLHIMENTO E ACOMPANHAMENTO DE ESTUDANTES NA UNIVERSIDADE: CONQUISTAS DA PANDEMIA

Carolina de Fátima Guimarães¹, Rita Tatiana Cardoso Erbs²

Resumo: Durante a pandemia de covid-19 muitos foram os desafios para as universidades públicas no Brasil, além das superações apresentadas pela pandemia, nossa preocupação era instaurar programas geridos pela Pró-Reitoria de Graduação para acolhimento e acompanhamento dos estudantes universitários. Com esse intuito, iniciamos o Grupo Travessia – um grupo de convivência com a parceria de professores do curso de psicologia para todos(as) os(as) alunos(as) e o Projeto Baquara – acompanhamento de alunos indígenas e quilombolas em parceria com os programas de pós-graduação em Educação, Estudos da Linguagem e Matemática. As duas iniciativas foram realizadas totalmente de forma remota e envolveu alunos e professores da graduação e da pós-graduação. As duas iniciativas inauguraram na UFCAT uma nova forma de tratamento às questões estudantis, priorizando novos canais de acesso à informação, supervisão constante das organizadoras dos projetos e formação de redes de cooperação entrelaçando graduação e pós-graduação à Pró-Reitoria de Graduação. Os dois projetos atravessaram a pandemia gerando aprendizagens e superações por parte de todos os envolvidos e contribuíram para a permanência de alunos a partir do sentimento de pertencimento desenvolvido durante o desenvolvimento dos grupos.

Palavras-chave: Acompanhamento de alunos. Grupos de convivência acadêmica. Formação universitária. Permanência na universidade.

¹ Técnica em Assuntos Educacionais, Universidade Federal de Catalão/UFCAT.

² Professora, Universidade Federal de Catalão/UFCAT.

1. INTRODUÇÃO

Este texto busca relatar as experiências vivenciadas na criação, no planejamento e na execução de duas iniciativas propostas durante a pandemia na Universidade Federal de Catalão (UFCAT), que são o Travessia: Grupo de Acolhimento e o Baquara: Programa de Acompanhamento Acadêmico de Discentes Indígenas e Quilombolas. As referidas iniciativas tiveram como foco o acolhimento e o acompanhamento de alunos de cursos de graduação, estabeleceram-se de forma totalmente remota e cruzaram a esfera do impossível para o contexto pandêmico, à novas possibilidades de aproximação de diferentes áreas, professores, alunos e equipe de gestores na universidade. Resolveu-se descrever as atividades realizadas para iniciar um processo de compreensão e avaliação dos resultados produzidos para planejamentos futuros.

As duas propostas de trabalho foram fundamentadas a partir das muitas mudanças observadas no desenvolvimento das universidades brasileiras. A política de ações afirmativas, destacando-se a modalidade de cotas que reservam vagas para estudantes oriundos de escolas públicas (com base na Lei 12.711/12, alterada pela Lei 13.409/16), por exemplo, inaugurou um processo de ampliação do acesso à universidade por parte das chamadas minorias – grupos que se encontram em situação de inferioridade em relação a um outro, considerado superior. Apenas garantir o ingresso desses estudantes, no entanto, não se mostra eficiente, faz-se necessário também garantir a sua permanência no ensino superior. Diante desse cenário, sucintamente indicado, configuram-se as políticas que buscam garantir a permanência de estudantes que tiveram e têm acesso à universidade através de sua ampliação (ZAGO, 2006).

Decorrem desse cenário, diversas propostas de apoio pedagógico instituídas no ensino superior como políticas institucionais que visam acompanhar o processo de ensino e aprendizagem de docentes e discentes, por meio do assessoramento didático-pedagógico a

ambos os públicos. De acordo com Nogueira, Magnavita e Santos (2020), as propostas de apoio pedagógico buscam diminuir os índices de retenção e evasão e, conseqüentemente contribuem para a melhoria do desempenho acadêmico dos estudantes, instaurando um ambiente capaz de oferecer uma igualdade de oportunidades.

Desta forma, o Setor de Apoio Pedagógico aos Estudantes (SEAES) da Pró-Reitoria de Graduação da UFCAT iniciou no dia 23 de março de 2021 as atividades do Travessia: Grupo de Acolhimento. O grupo, que contou com uma parceria com o curso de Psicologia, objetivou promover um espaço de acolhida, interação e apoio acadêmico, considerando as vivências durante a trajetória na universidade, sobretudo frente ao cenário de pandemia. O trabalho também visou orientar os(as) estudantes e contribuir para o processo formativo de sua autonomia enquanto discente de graduação.

Por sua vez, o Baquara apresentou um desafio diferente, pois demandou uma preparação e organização diferenciadas para o acompanhamento de alunos(as) indígenas e quilombolas. O projeto iniciou em 09 de setembro de 2021 e contou com a parceria dos cursos de Pós-Graduação. Entendendo a necessidade de atividades que proporcionem a permanência e sucesso acadêmico, o Baquara foi desenvolvido com o objetivo de auxiliar o processo de aprendizagem dos(as) alunos(as) indígenas e quilombolas matriculados na graduação da UFCAT, por meio de atividades de tutoria desenvolvidas por alunos(as) da Pós-Graduação *Stricto Sensu*.

As duas iniciativas foram realizadas totalmente de forma remota e inauguraram na UFCAT uma nova forma de tratamento às questões estudantis, priorizando novos canais de acesso à informação, supervisão constante das organizadoras dos projetos e formação de redes de cooperação entrelaçando graduação e pós-graduação à Pró-Reitoria de Graduação. Os dois projetos atravessaram a pandemia gerando aprendizagens e superações por parte de todos os envolvidos e continuará de forma presencial

No texto as duas propostas são apresentadas com suas especificidades e seus respectivos desenvolvimentos e, a partir da descrição e contextualização dos projetos de acolhimento e acompanhamento dos(as) alunos(as) na UFCAT, buscou-se evidenciar as conquistas e superações realizadas no momento pandêmico, além de discutir e vislumbrar o futuro e as adequações necessárias para o retorno presencial.

2. RELATO DE EXPERIÊNCIA

2.1 Projeto Travessia – do início ao final de uma graduação em uma universidade federal

Entendendo que o processo de apropriação do espaço da universidade é algo que apresenta desafios ao longo de toda a trajetória acadêmica, tais como a dificuldade em compreender as etapas e procedimentos referentes a cada etapa do curso de graduação, assimilar as regras institucionais, construir vínculos interpessoais e estabelecer bons diálogos com professores e coordenadores, o SEAES da UFCAT decidiu iniciar uma atividade voltada para os(as) estudantes da graduação com o intuito de oferecer apoio e acolhimento. Para isto, o SEAES estabeleceu uma parceria com o curso de Psicologia da UFCAT e se tornou um campo concedente de estágio para a disciplinas de Estágio Curricular Obrigatório – Processos Psicossociais e Instituição I e II, passando então a contar com a presença de estagiários(as).

Além da parceria estabelecida, a proposta de uma atividade de apoio aos(as) estudantes foi melhor estruturada a partir de um diálogo com universitários(as) que ocupavam papéis de liderança junto aos demais alunos(as) de seus respectivos cursos de graduação da UFCAT. Tais lideranças apresentaram demandas que puderam nortear o trabalho que seria desenvolvido e referiam-se em grande parte, às dificuldades enfrentadas quando da entrada na universidade, pois os(as) estudantes relataram falta de informações sobre o funcionamento de setores da instituição e do curso e uma sensação de desencontro e não pertencimento à

universidade. Os(as) estudantes também relataram dificuldades vivenciadas no período de finalização dos cursos, uma vez que se sentiam inseguros(as) quanto ao futuro, seja ele profissional ou acadêmico. As dificuldades enfrentadas em razão das aulas online, do distanciamento social e da ausência do cotidiano do espaço universitário também foram relatadas.

Desse modo, considerando as demandas apresentadas, decidiu-se por realizar grupos de acolhimento com estudantes universitários visando a construção de um espaço para suporte mútuo e dedicado à acolhida, interação, reflexão e informação sobre a vivência universitária.

Inicialmente, para fins de divulgação, foram produzidos materiais informativos de modo a explicitar o projeto, os objetivos e a metodologia a ser utilizada. Também foi elaborado um formulário de inscrição no *Google Forms*. A divulgação e os convites para participação no grupo junto à comunidade acadêmica foram feitos através dos canais oficiais de comunicação da instituição.

A partir das informações coletadas no formulário de inscrição foi possível definir os dias e horários dos encontros e também, criar, inicialmente, dois grupos, sendo um deles com alunos que recém ingressaram na universidade (grupo dos ingressantes) e o outro com alunos que estão nos últimos períodos do curso de graduação (grupo dos concluintes). Considerando o cenário da pandemia do novo coronavírus, os encontros dos grupos foram todos realizados virtualmente, lançando mão do *Google Meet*, considerado, pelos(as) alunos(as) que responderam o formulário de inscrição, o aplicativo para videoconferência de melhor acesso no momento.

Além disso, a equipe gestora do projeto decidiu realizar encontros semanais, com duração de aproximadamente 1 hora e 30 minutos. A composição dos grupos podia ser variável, não

havendo uma rigidez quanto à frequência e nem quanto à data de início da participação. A fala dos participantes seria livre e os temas seriam definidos de acordo com o que grupo discutia.

Após tais definições, os(as) participantes foram contactados(as) por e-mail e/ou por telefone e foram informados sobre data, horário e aplicativo a ser utilizado para os encontros. Ao final de cada encontro, foi feito um registro do grupo e a equipe gestora se reuniu semanalmente para avaliar o andamento das atividades, discutindo os limites e as possibilidades do trabalho, demandas e conflitos apresentados pelos(as) estudantes.

No ano letivo de 2020, que foi retomado, na UFCAT, no dia 25 de janeiro de 2021 e terminou em 14 de agosto de 2021, o Travessia contou com cinco estagiárias do curso de Psicologia, orientadas por dois professores do curso. Três estagiárias coordenaram o grupo voltado para os(as) alunos(as) ingressantes (matriculados(as) do primeiro ao quinto período) e outras duas estagiárias coordenaram o grupo dos concluintes (matriculados do sexto período ao último). Cada grupo realizou 10 encontros, com a média de 05 participantes por encontro. Contou-se com estudantes de diversos cursos de graduação, tais como Ciências da Computação, Ciências Sociais, Psicologia, Letras e Química.

No grupo dos ingressantes, os(as) participantes levaram discussões sobre produtividade, dificuldades com o estabelecimento de rotinas de estudos, significados da universidade, dificuldades com o curso e distanciamento social. Já no grupo dos(as) concluintes, os participantes discutiram sobre solidão, angústia, planejamento de carreira, sobrecarga na universidade, fracasso *versus* sucesso, papel da universidade, estágio, medo e insegurança quanto ao futuro. Em ambos os grupos, os estudantes abordaram temas sobre os desafios do ensino remoto, as dificuldades em dar continuidade aos cursos, a complexidade das relações na universidade, a necessidade e a dificuldade em ser autônomo e as incertezas quanto ao “pós-universidade”.

Em relação ao ano letivo de 2021, que iniciou em 08 de setembro de 2021 e terminou em 13 de abril de 2022, teve-se a presença de outras 5 estagiárias com a orientação de dois professores do curso de graduação em Psicologia. A princípio, devido ao maior número de interessados serem de estudantes ingressantes, foram ofertados três grupos, sendo dois para ingressantes – coordenados por duas estagiárias, cada – e um para concluintes – coordenado por três estagiárias. Entretanto, ao longo do desenvolvimento das atividades, na tentativa de que mais estudantes pudessem participar dos encontros, decidiu-se que não haveria mais a divisão entre grupos para ingressantes e para concluintes. Dessa forma, foram ofertados dois grupos em dias e horários distintos e os estudantes escolhiam os grupos de acordo com a disponibilidade de horário.

Os grupos também tiveram uma média de 05 participantes por encontro e em sua maioria, eram alunos(as) ingressantes. Havia estudantes dos cursos de Ciências Biológicas, Ciências da Computação, Engenharia de Produção, Enfermagem, Química, Letras, Matemática e Psicologia. Assim como nos grupos anteriores, as temáticas eram definidas a partir das demandas apresentadas pelos(as) participantes. Dessa forma, os seguintes temas foram trabalhados: expectativas com o grupo, expectativa com a universidade, papel do professor, possibilidade de mudança de curso, papéis sociais, o lugar da individualidade nas escolhas, ambiente universitário e desafios durante a trajetória acadêmica e dificuldades de aprendizagem.

2.2 Projeto Baquara – Um encontro de sabedorias

A partir da necessidade de desenvolver atividades que proporcionem a permanência e o sucesso acadêmico de estudantes indígenas e quilombolas, foi proposto, pelo SEAES, o Programa de Acompanhamento Acadêmico de Discentes Indígenas e Quilombolas, chamado de Baquara. O Projeto Baquara é uma ação que visa auxiliar o processo de aprendizagem

dos alunos indígenas e quilombolas matriculados em cursos de graduação da UFCAT, por meio de atividades de tutoria desenvolvidas por alunos da Pós-Graduação *Stricto Sensu*.

A proposta desse projeto ocorreu em razão dos desafios frente à presença de alunos indígenas e quilombolas no ambiente universitário. Sobre os alunos indígenas, Bergamaschi, Nabarro e Benites (2013) apontam que é preciso criar espaços para estudos extras de assuntos considerados difíceis, com alto índice de reprovação, sendo que, para a conclusão do curso, a adesão a esses espaços é imprescindível para os estudantes indígenas.

Ainda sobre o desafio da permanência, o apoio acadêmico aos estudantes quilombolas também é apontado como uma estratégia fundamental. Segundo Nakata, Silva e Vescovi (2018) e Alencar, Rascke e Santos (2021), os programas de acompanhamento pedagógico destinado aos quilombolas devem considerar as especificidades desses estudantes, voltando-se, especialmente, para as particularidades da organização social de suas comunidades, condição geográfica, costumes, línguas, crenças e tradições.

Sobre a forma de se oferecer apoio acadêmico a esses estudantes, Bergamaschi, Nabarro e Benites (2013) e Alencar, Rascke e Santos (2021) apontam a relevância de estratégias em que os alunos indígenas e quilombolas são acompanhados por monitores e/ou tutores sob a orientação de professores. Segundo os autores, essas estratégias permitem uma integração dos estudantes com a rotina universitária e funcionam como um dispositivo que contribui com a inclusão dos estudantes e permite uma trajetória acadêmica adequada.

Diante dessas considerações, o Baquara foi instituído tendo como princípio a estratégia de ensino e de aprendizagem em regime de cooperação, em que os tutorados, ou seja, estudantes que demandaram apoio adicional em determinados temas e disciplinas, foram acompanhados por tutores, os quais são estudantes, dos cursos de pós-graduação, com

condições de realizar tal acompanhamento. O Programa ainda conta com a orientação de um professor e a mediação de um estudante indígena ou quilombola nos momentos que forem necessários, instaurando um processo dialógico, colaborativo e propositivo.

Institucionalmente, o Baquara apresenta os seguintes objetivos: contribuir para a inclusão, permanência e sucesso acadêmico e, conseqüentemente, minimizar a evasão e a retenção dos(as) alunos(as) indígenas e quilombolas; auxiliar os(as) alunos(as) indígenas e quilombolas na complexa rotina acadêmica, apresentando as características dos seus respectivos cursos e unidades acadêmicas, bem como dos diversos setores da universidade; atender às especificidades dos(as) alunos(as) indígenas e quilombolas priorizando as ações voltadas para estudos suplementares em Língua Portuguesa e Matemática que apresentam histórico de maior grau de dificuldade de acompanhamento; promover a formação e o desenvolvimento acadêmico por meio de um diálogo intercultural.

Compõem o Baquara a coordenação do SEAES, as coordenações dos programas de Pós-Graduação, professores(as) da Pós-Graduação (orientadores), estudantes de Pós-Graduação (tutores/as), estudantes indígenas ou quilombola regularmente matriculados em curso de graduação da UFCAT (tutorados/as), coordenações dos cursos de graduação. Para a execução do Baquara, decidiu-se pela participação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDUC), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) e do Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional (PROFMAT), sendo destinadas, para cada programa, duas vagas de tutores(as) bolsistas. Nesse sentido, o Baquara contou com seis tutores(as) bolsistas e uma tutora voluntária, além de seis professores(as) orientadores(as).

Para que o Baquara chegasse aos(as) alunos(as), buscou-se contato e auxílio das lideranças de cada grupo de estudantes. Também foi realizada uma busca por dados sobre telefone e e-mail dos estudantes nos registros acadêmicos. Com isso, foi feito contato via WhatsApp com

todos os 12 indígenas e 19 quilombolas matriculados nos cursos de graduação da UFCAT. Nesse primeiro contato, foi apresentado o programa e feito um convite para participar das atividades, deixando livre para que tal participação ocorresse quando considerassem necessário.

Dos 31 alunos(as) identificados previamente, 23 tiveram interesse na tutoria, sendo alunos(as) dos seguintes cursos: Geografia, Psicologia, Enfermagem, História, Ciências Sociais, Educação Física, Pedagogia, Física, Administração, Engenharia Civil e Medicina. As tutoras do PPGEL apresentaram uma proposta de trabalho na forma de oficinas referentes a produção de gêneros acadêmicos escritos e orais, destinadas a todos(as) os(as) tutorandos(as) do Baquara e, quando necessário, realizariam atendimentos individualizados sobre a temática das oficinas. Dessa forma, decidiu-se que apenas os tutores do PPGEDUC e do PROFMAT iriam realizar tutorias individuais. Assim, as três tutoras do PPGEDUC ficaram acompanhando individualmente 14 tutorados e os dois tutores do PROFMAT ficaram com 9 tutorados.

De posse do contato telefônico dos tutorados, os tutores entraram em contato e se apresentaram, buscando construir um espaço para um trabalho de cooperação. As tutorias individuais atuaram no auxílio para realização de trabalhos, leitura e interpretação de textos, escrita de resumos e resenhas, mapas conceituais, apresentações em *power point*, produção de vídeos avaliativos. Já as oficinas tiveram como temas escrita de resumo e resenhas, mapas conceituais, introduções, relatórios de experiências, artigos científicos, preenchimento do currículo Lattes, site da biblioteca e *tour* sobre o SIGAA.

Ao fim de cada semestre letivo, realizou-se um encontro formativo virtual, voltado tanto para a equipe do Baquara, quanto para professores, alunos e técnicos da universidade. No I Encontro Baquara contou-se com a presença de uma psicóloga indígena, graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que apresentou sua trajetória

universitária, inclusive quando foi acompanhada por um monitor. Ainda no primeiro evento, foi realizada uma roda de conversa com alunos, tutores e professores para que fosse realizado uma avaliação do trabalho realizado até então. No II Encontro Baquara, houve a fala das tutoras do Baquara, apresentando suas experiências, desafios e possibilidades e também de duas professoras e pesquisadoras sobre a temática indígena e quilombola.

3. NAS SALAS E CORREDORES VAZIOS DA UNIVERSIDADE

Durante a pandemia ocorreu uma mudança radical no espaço acadêmico, antes ocupado fisicamente por alunos, professores, técnicos e funcionários, teve-se que deslocar o espaço físico para o espaço virtual, inicialmente, o estranhamento foi grande. A maioria dos professores e alunos não utilizava aplicativos e plataformas que possibilitassem vídeo chamadas ou vídeo conferências da forma como foi necessário utilizar no período da pandemia.

Foi preciso aprender rapidamente a utilização destas ferramentas para ver, ouvir, orientar, acompanhar e estar junto com alunos, professores, técnicos e quem mais necessitasse. Neste contexto, das salas e corredores vazios na universidade começou um movimento de povoar outras salas e outros corredores se abriram com conversas, aprendizagens e trocas. Foi possível lotar salas virtuais, corredores remotos de forma presencial síncrona, o vocabulário com as Tecnologias da Informação e Comunicação aumentou, o espaço da casa de cada um foi adequado para a entrada desses novos corredores, o espaço privado foi invadido para estabelecer o público, o grupal.

Durante toda a realização do Travessia, os alunos de diferentes cursos trouxeram muito receio em função da pandemia e do ensino remoto, além das preocupações com os trabalhos do curso, o andamento das aulas, a adaptação aos tempos e rotinas acadêmicas. Observa-se

uma demanda que provavelmente, só o momento pandêmico possibilitou, haviam grupos que nunca colocaram o pé na universidade fisicamente, mas entraram com o pé diretamente no remoto.

Portanto, a partir da troca e construção conjunta que o grupo proporcionou, um dos principais propósitos, intermediar a ação pedagógica entre os discentes e as dificuldades relatadas e atravessadas pelo âmbito do conhecimento dos determinados cursos presentes nos grupos de ingressantes e concluintes. Desta forma, foi possível quebrar alguns obstáculos da travessia do espaço acadêmico, além de direcionar, orientar, conviver e acolher.

Realizar atividades grupais através de videoconferência foi um desafio, pois como seria possível acolher um estudante que não está com a câmera ligada ou que se recusa a falar “pelo microfone”? Como seria possível oferecer um espaço de interação se durante os encontros, haviam participantes realizando tarefas domésticas ou estavam fazendo compras no mercado? Essas dúvidas estiveram presentes durante todo o processo de realização dos encontros do Travessia, e ao final de cada ciclo foi possível constatar que foi possível construir esse espaço de apoio, acolhida, orientação e reflexão, pois os estudantes retornavam aos encontros, buscavam participar cada vez mais das discussões, se posicionavam, direcionavam demandas para o grupo e estabeleciam trocas entre eles.

Os projetos ultrapassaram as dificuldades do período pandêmico, estabeleceram novas formas de contato e conversa com os (as) alunos(as), instaurando uma maior proximidade com alunos(as), gestores(as), coordenadores(as) e professores(as).

4. CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois projetos apresentados no texto foram um grande indicador do esforço da Pro-Reitoria de Graduação de tratar de forma intensa e inovadora as questões da permanência e sucesso acadêmico, minimizando os sentimentos de não pertencimento e falta de identificação com o espaço universitário. Teve-se no período pandêmico o desafio do ensino remoto e acrescentou-se a isto o desafio de acompanhamento em grupo e individual de alunos(as) que ingressaram nos dois projetos.

Um fator relevante e também inovador é que a participação nos grupos quebrou a lógica da recompensa via frequência ou nota tão comum no cotidiano da universidade, tanto o Projeto Baquara, quanto o Grupo Travessia tem um fluxo livre de participação motivado pelo desejo, vontade e possibilidade dos próprios alunos uma atividade totalmente autorregulada e isto não dificultou, em nada, a participação dos alunos, ou desestimulou a sua frequência. Nota-se que a partir da composição dos grupos a flutuação dos participantes deu-se, pelas tarefas acadêmicas, impossibilidade de horários, dificuldade com a internet, mas os grupos tiveram uma boa frequência e participação de variados cursos da universidade.

O Projeto Baquara acolheu e criou estratégias de superação para as dificuldades dos(as) alunos(as) indígenas e quilombolas em relação as tarefas acadêmicas, ao pertencimento ao espaço acadêmico e as diferenças culturais existentes entre mundos tão diversos. Percebe-se que os alunos quilombolas apresentam uma maior facilidade de inserção e permanência no universo acadêmico, atribui-se isto ao fato da língua materna ser a mesma, mas ainda é preciso compreender melhor e conviver mais para conseguir realmente instaurar um espaço acadêmico equânime e acolhedor para as diferentes demandas que existem.

Percebe-se que o Projeto Baquara proporcionou a construção de um trabalho mais próximo entre alunos, professores e gestores da universidade. A presença dos tutores(as) foi um passo importante para que seja possível ouvir os estudantes indígenas e quilombolas e ressoar seus saberes e suas particularidades, tornando possível estabelecer uma universidade que se pautar na interculturalidade e que seja diversa.

É preciso salientar que a realização dos encontros do Travessia facilitou e intermediou, de forma eficaz e possível, a conexão entre discente, seus direitos, o ensino e as dificuldades que perpassam por esse caminho, além de oferecer uma escuta como acolhimento aos mesmos. Além disso, conseguiu-se formar um espaço para que os discentes pudessem refletir, organizar e construir ações críticas e emancipatórias, aspecto fundamental para o cotidiano na universidade.

Foi possível ver com essas duas intervenções como se pode criar espaços diferenciados na universidade, reunindo diferentes grupos e colocando-os em convívio e diálogo constantes. A partir destas duas experiências, novas estratégias serão direcionadas para a possibilidade presencial dos dois projetos, pois os envolvidos, juntamente com a equipe gestora fizeram uma avaliação muito positiva das duas iniciativas.

5. REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria Cristina Macedo; RASCHE, Karla Leandro; SANTOS, Jheyciele Naira dos. O programa de apoio ao estudante quilombola (PAEQUI) como política de permanência numa universidade na Amazônia (UNIFESSPA-PA). *Escritas do Tempo*, v. 3, n. 7, p. 124-146, 2021.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; NABARRO, Edilson; BENITES, Andréa. *Estudantes indígenas no ensino superior: uma abordagem a partir da experiência na UFRGS*. Porto Alegre: Ufrgs Editora, 2013. 200 p.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 2012. *Lei Nº 12.711, de 29 de agosto de 2012*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm. Acesso em: 24 de abril de 2022.

BRASIL. Lei nº 13.409, de 2016. *Lei Nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13409.htm. Acesso em: 24 de abril de 2022.

NAKATA, Amanda Sayuri de Souza; SILVA, Julliana Maisy Pinto da; VESCOVI, Vinicius. Monitoria Quilombola nos Cursos de Engenharia e Ciências Exatas. *Seminário de Projetos de Ensino* (ISSN: 2674-8134), v. 3, n. 1, 2018.

NOGUEIRA, Ari Fernandes Santos; MAGNAVITA, Mariam Jalal; SANTOS, Silvano Messias dos. In: DIAS, Carlos E. S. B. *et al.* (org.). *Os serviços de apoio pedagógico aos discentes no ensino superior brasileiro*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. p. 105-128.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*. v. 11, n. 32, 2006.